

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Marcela Duarte

NARRATIVAS DO QUE VEM DEPOIS:
Perspectivas de formandos em Pedagogia da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul

Porto Alegre
2. Semestre
2014

Marcela Duarte

**NARRATIVAS DO QUE VEM DEPOIS:
Perspectivas de formandos em Pedagogia da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Comissão de Graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

*Orientador: Prof. Dr. Tania Beatriz Iwaszko
Marques*

Porto Alegre
2.º Semestre
2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir sonhar e conquistar esse lugar em uma universidade federal, que sabia o quanto era necessário abrir meus caminhos para este aprendizado, estudar no Curso de Pedagogia da UFRGS, e o quão benéfico seria, em todos os aspectos, desfrutar e aproveitar esta oportunidade.

Aos meus pais, Valdacyr e Rosmari, duas pessoas incansáveis quando o assunto é aprender. De quem eu herdei o gosto de estudar, de saber e buscar mais informações sobre o assunto que desejo. Dois exemplos de pessoas batalhadoras, trabalhadoras e iluminadas. Sempre dispostos a ajudar, a levar, buscar, conversar, compreender e amar. Sou feliz e tenho orgulho de dizer que sou filha de vocês!

Aos meus queridos e inúmeros alunos, que desde 2008 iluminaram meus dias, trazendo aprendizados, trocas, amor, carinho e atenção. Em especial àqueles que me fizeram retomar o gosto por ensinar, por estar em sala de aula e por querer ser alguém importante para a educação e aprendizado deles. Vocês me encontraram e fizeram com que eu me encontrasse novamente.

Aos meus amigos que estavam junto nas horas de diversão mas que também não recuaram quando o assunto era ajudar, fosse com uma palavra amiga ou com um debate sobre as ideias de algum texto obrigatório. Em especial a dupla de estágio, Aline Julio, que muito ajudou e apoiou dividindo um dos momentos mais difíceis e cruciais da graduação.

Às amigas que conquistei logo na entrada no Curso de Pedagogia e que levo sempre em meu coração, Thayse e Manoela. Às demais que fui conhecendo ao longo dos semestres e das turmas que frequentei.

Ao meu namorado, Fernando, pela paciência e parceria, que sempre esteve junto para ajudar e compreender os dilemas de uma namorada professora. Que deu carinho, atenção e um bom ouvido para as reclamações e descobertas do dia a dia em sala de aula.

As instituições que me acolheram como estagiária durante as minis práticas do curso e também no estágio final, mas principalmente às turmas que se mostraram abertas a ensinar e aprender. E também àquelas em que trabalhei e trabalho atualmente por enriquecer meus aprendizados com a prática proporcionada no dia a dia.

À minha querida orientadora, primeiramente, pelas palavras proferidas em uma banca em 2013, que me fez pensar no quão interessante poderia ser pesquisar aspectos relativos à universidade e seus alunos, e também por me aceitar como orientanda. Agradeço ainda o suporte para a realização deste trabalho. E aproveito para agradecer as colegas Renata e Gabriela pelas reuniões de orientação sempre cheias de ideias novas e colaboração. Nossas trocas foram muito produtivas, mesmo sendo, muitas vezes, de palavras amigas e de apoio.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente. Sou grata por tudo que aprendi, seja com as experiências boas ou ruins.

Muito obrigada!!

"Mas a grandeza do homem está precisamente em querer melhorar o que ele é."

Alejo Carpentier - O reino deste mundo. P. 131

RESUMO

Este trabalho é decorrente da inquietação sobre o que os formandos em Pedagogia da Universidade do Rio Grande do Sul pensam em fazer depois da conclusão do curso, pois, conforme os anos passados dentro desta faculdade, foram vistas muitas possibilidades para o profissional pedagogo, ainda que ser professor prevaleça. A pesquisa, de caráter qualitativo, buscou saber o que a turma que se formará ao final deste ano pensa em fazer após concluir o curso, levando em consideração as aprendizagens proporcionadas ao longo da realização da graduação. As respostas dos participantes foram através de narrativa livre para pudessem contar sem receios sobre seus planos. Com este material, houve a separação em categorias que aproximavam as respostas entre si para uma melhor organização da análise. Os autores utilizados para dar suporte foram: Chickering (1975), para falar sobre a formação da identidade do estudante de Ensino Superior; Evangelista (2002), sobre a necessidade de professores com formação para dar aulas; Libâneo (1999), discorrendo sobre a importância do pedagogo em uma instituição escolar; Pimenta (1998), mostrando que a ação do pedagogo vai além da instituição escolar, devendo ser necessária em qualquer lugar em que haja a intenção de educar; Paviani e Pozenato (1979), sobre a importância de se discutir e refletir sobre as práticas realizadas dentro da universidade como forma de aperfeiçoar a ação da mesma; Soares (2002), sobre a escolha profissional e o papel da escola neste processo. Através da leitura e da análise das respostas obtidas, foi possível ver que há inúmeras histórias por trás da escolha profissional e que ela é singular, e apesar de o curso ter disciplinas obrigatórias a todos, nem todo mundo deseja seguir o mesmo caminho.

Palavras-chave: Escolha profissional. Graduandos em Pedagogia. Formação do Pedagogo.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	7
2	O QUE VOCÊ VAI SER QUANDO CRESCER?.....	9
2.1	A UNIVERSIDADE.....	9
2.2	A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE NA ESCOLHA PROFISSIONAL.....	11
2.3	A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO DISCENTE.....	15
2.4	O CURSO DE PEDAGOGIA.....	19
2.5	LICENCIATURA EM PEDAGOGIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL.....	23
3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	26
4	O QUE QUE VOCÊ QUER SER QUANDO VOCÊ CRESCER? ALGUMA COISA IMPORTANTE, UM CARA MUITO BRILHANTE.....	28
4.1	A REALIZAÇÃO DE UM SONHO ANTIGO.....	29
4.2	O CONHECIMENTO QUE SE FAZ ÚTIL EM OUTROS RAMOS PROFISSIONAIS.....	32
4.3	A CONTINUAÇÃO DOS ESTUDOS.....	34
4.4	OUTRAS OPORTUNIDADES.....	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40

1 APRESENTAÇÃO

Este estudo é uma pesquisa qualitativa a respeito das perspectivas pós curso dos formandos em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do segundo semestre de 2014. Esta pesquisa tem como objetivo analisar quais são as possibilidades, segundo os formandos, de atuação dos novos pedagogos que se formarão ao final deste ano e, desta forma, contribuir para os estudos e reflexões sobre o curso. A ideia vem de um trabalho de conclusão de curso apresentado em dezembro de 2013, no qual a autora, Marina Richter Duarte, analisou os fatores que influenciaram a escolha da Pedagogia pelos alunos que haviam entrado na universidade naquele ano. A inquietude em pensar o que a trajetória acadêmica pode fazer com os planos de quem entra se fez presente e buscou-se delinear melhor uma maneira de pesquisar o que acontecia com aqueles que estavam prestes a sair.

Escolher uma graduação é um trabalho árduo, mas, após essa escolha, o caminho a ser tomado pode não ser necessariamente aquele pensado antes de se ingressar na faculdade. Alguns ingressam logo após a conclusão do Ensino Médio, uns já sabendo bem qual rumo tomar, outros, no entanto, levam alguns anos para começar, ou começam e trocam de curso algumas vezes, pois não conseguiram decidir o que fazer.

Durante os anos de formação acontecem muitas coisas, estudos e teorias são apresentadas, bem como práticas de como será a vida pós curso. Muitos alunos desistem nos primeiros semestres, alguns vão encontrando outros caminhos durante o curso ou veem que realmente fizeram a escolha certa e a profissão será aquela mesma. Outros até se formam e procuram outra graduação ou ramo de atuação profissional. A pressão pela colocação no mercado se dá antes mesmo do término do curso, pois muitos alunos buscam estágios remunerados ou não para aprender sobre o cotidiano da profissão.

Diante dos inúmeros fatores que se somam ao longo da graduação, sabemos que nem todos os formandos do curso seguirão a profissão para a qual o mesmo lhes habilita. Uns já têm outra formação, outros conseguem empregos ou são nomeados em concursos públicos com outras funções. Alguns, ainda, não entraram na graduação com o intuito de se tornar profissionais da área. Com todas essas

evidências, surgiu a curiosidade de saber o que os formandos do segundo semestre de 2014 em Pedagogia pretendem fazer ao se formar. Com esta inquietude, nasceu a presente pesquisa que se divide em cinco subcapítulos de revisão teórica, um capítulo de percurso metodológico e um de análise dos dados obtidos.

No capítulo denominado *O que você vai ser quando crescer?* trataremos da revisão teórica sobre o assunto. Serão abordadas as questões de como surge a universidade no mundo e no Brasil, como a sociedade e a cultura influenciam a escolha das pessoas sobre a carreira a ser seguida, como acontece a formação da identidade do discente nos anos do ensino superior, como surgiu o curso de Pedagogia no Brasil e de como esse curso se estabeleceu na UFRGS.

Já no capítulo sobre o percurso metodológico consta a descrição de como se deu o processo de coleta dos dados para a pesquisa e como foi utilizado esse material para a análise feita a seguir.

No capítulo sobre a análise dos dados, chamado de *O que que você quer ser quando você crescer? Alguma coisa importante, um cara muito brilhante*, nome de uma música famosa de Raul Seixas, temos alguns trechos dos depoimentos coletados de acordo com a pertinência deles e o embasamento teórico. Este capítulo se divide em quatro subcapítulos que foram constituídos com as semelhanças das respostas auferidas.

Na sequência, temos as considerações finais, com a retomada dos pontos mais relevantes, e referências utilizadas para a abordagem teórica do assunto.

2 O QUE VOCÊ VAI SER QUANDO CRESCER?

O presente capítulo trata da revisão teórica da pesquisa apresentada. Ele tem como objetivo discorrer a respeito de assuntos pertinentes à pesquisa e está dividido em cinco subcapítulos.

No subcapítulo inicial, será abordada a criação da universidade no mundo e o início do ensino superior no Brasil. Os pré-requisitos legais que tratam da existência de uma universidade também se encontram nessa seção.

No subcapítulo seguinte, a influência da sociedade é o tema central. São abordados aspectos relativos à idade que as pessoas terminam a educação básica e que muitas vezes escolhem a sua profissão; a importância e a pressão sofrida por entes próximos; e também como não só a família, mas sim outras figuras importantes podem ser definitivas na escolha da carreira.

No terceiro subcapítulo, temos a formação da identidade do discente. Abordaremos nele a questão da construção da personalidade nos anos escolares da graduação. Há autores que mostram o desenvolvimento de certas habilidades importantes para o relacionamento interpessoal durante os anos de curso superior.

No quarto subcapítulo, a história do curso de Pedagogia está presente e é contada com os amparos legais que foram sendo feitos através dos anos, atualizando e modificando o mesmo até os dias atuais. No último subcapítulo, a história do curso de Pedagogia da UFRGS é contada para mostrar como temos a sua estrutura atual e como se dá a formação dos profissionais que se formam e formarão nos próximos anos.

2.1 UNIVERSIDADE

Criada em 1088, na Itália, a Universidade de Bolonha é a mais antiga instituição com este título. O conhecimento, na época, era privilégio para os mais afortunados que possuíam dinheiro para contratar um professor que discorria sobre as “essências universais”. Por isso a palavra “universidade”. Desde então, milhares de universidades foram sendo criadas ao redor do mundo com a finalidade de

despertar o pensamento crítico e preparar para algum ofício posterior. A universidade como um modelo ideal,

[...] tem suas funções fundamentadas no homem e na busca do saber. Só a existência humana pode dar um sentido direcional à busca do saber. Aqui, o saber envolve os conhecimentos teóricos e práticos, as letras e as artes, o ensino e a pesquisa. Todos os homens, dizia Aristóteles, desejam naturalmente o saber. A busca do saber é a própria razão de ser da Universidade ideal” (PAVIANI; POZENATO, 1979, p. 15)

Este modelo ideal é dito como o que deve ser seguido, mas que nunca é atingido, pois atingi-lo seria conseguir obter o estado pleno do saber, o que não é possível, pois o homem nunca conseguirá saber tudo a respeito de algum assunto.

No Brasil, há divergências sobre a primeira universidade criada. Em 1808, com a chegada da família real portuguesa acontece a criação do ensino superior, que tem como objetivo formar uma elite pensante (KULLOK, 2000, p. 31). É dessa época também, ainda segundo KulloK (2000, p. 31), o formato das aulas e cadeiras.

A primeira instituição brasileira a ter em seu nome “universidade” foi estabelecida no Paraná, em 1912, porém, a mesma ficou em funcionamento por apenas três anos. Em 1920, no Rio de Janeiro, se estabeleceu a Universidade do Rio de Janeiro, que hoje é conhecida por Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ela unia os cursos superiores existentes na cidade do Rio de Janeiro e concentrava suas decisões em uma única reitoria e um único conselho universitário. Seu estabelecimento foi feito através de um decreto.

Uma característica primordial da Universidade é seu caráter de instituição, no sentido jurídico e social deste termo. Busca sua institucionalização ou constituição em torno de uma série de elementos: leis, decretos, estatutos, prédios, laboratórios, em perfeita harmonia. Como fenômeno cultural vive uma constante tensão entre as forças da tradição e do futuro. De um lado, tende a uniformizar-se, a conservar-se e, de outro lado, tende a mudar sua estrutura e funcionamento para realizar os fins e as funções exigidos pela sociedade de cada época. (PAVIANI; POZENATO, 1979, p. 14)

Nos dias atuais, o Brasil tem perto de 200 instituições consideradas universidades. Para ser considerado um estabelecimento de ensino como tal, é necessário preencher alguns requisitos. Segundo a Resolução do Conselho Nacional de Educação de número 3, de 14 de outubro de 2010:

Art. 3º São condições prévias indispensáveis para o requerimento de credenciamento como universidade:

- I - um terço do corpo docente, com titulação de mestrado ou doutorado, conforme o inciso II do art. 52 da Lei nº 9.394/1996 e respectivas regulamentações;
- II - um terço do corpo docente em regime de tempo integral, conforme o inciso III do art. 52 da Lei nº 9.394/1996 e parágrafo único do art. 69 do Decreto nº 5.773/2006;
- III - Conceito Institucional (CI) igual ou superior a 4 (quatro) na última Avaliação Institucional Externa do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES);
- IV - Índice Geral de Cursos (IGC) igual ou superior a 4 (quatro) na última divulgação oficial do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP);
- V - oferta regular de, no mínimo, 60% (sessenta por cento) dos cursos de graduação reconhecidos ou em processo de reconhecimento devidamente protocolado, no prazo regular;

A referida lei de número 9.394/1996, em seu Artigo 52, traz a informação de que

[...] as universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por:

- I - produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional;
- II - um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado;
- III - um terço do corpo docente em regime de tempo integral.

Ainda dentro do mesmo artigo há o parágrafo único que expressa que “é facultada a criação de universidades especializadas por campo do saber.” Ou seja, não poderá haver universidades que trabalhem com apenas um campo, pois isso descaracterizaria a instituição como tal. Sendo assim, nota-se a preocupação em criar um espaço de conhecimento amplo, que promova os saberes, a educação, o conhecimento e a pesquisa e que tenha uma pluralidade grande de campos para formar novos profissionais.

2.2 A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE NA ESCOLHA PROFISSIONAL

Nascemos, crescemos e nos desenvolvemos rodeados de pessoas, logo nossas escolhas, tanto pessoais quanto profissionais, são fruto do que se passa ao

nosso redor, da nossa trajetória traçada desde os primeiros minutos e da influência daqueles que nos rodeiam.

Os anos escolares são os principais formadores da criança. O período que vai de 6 até 17 anos é apontado como o principal em relação à projeção do que se pretende quanto à profissão. É nessa fase que a criança começa a sentir que tem mais aptidão para determinadas matérias e áreas de estudo, e também quando ela começa a pensar “no que vai ser quando crescer”. Quando atinge por volta de 17 anos, e chega ao fim o ciclo da educação básica, ela deverá saber qual rumo tomar, mas como escolher entre as diversas profissões que existem?

A escola, no modelo atual, pouco estimula e ajuda no processo de autoconhecimento e reflexão pessoal. Soares (2002) diz que “em sala de aula, não são discutidas questões como: quem sou eu?, o que eu quero?, do que eu gosto?, por que gosto?, como me sinto realizando algo? Etc.”. O foco, na maior parte das vezes, é no que cairá na prova do vestibular ou nos processos seletivos semelhantes.

Um provérbio chinês diz: *“Escuto e esqueço, vejo e me lembro, faço e compreendo.”*. E ele nos mostra a carência principal da escola, pois o aluno ouvinte irá provavelmente esquecer, o aluno que acompanha e vê o que está acontecendo, mas ainda assim se sente um sujeito à parte da situação, tende a se lembrar do que viu, mas nada se compara ao aluno que ouve, vê e faz para realmente compreender aquilo que acontece ao seu redor. A escola precisa participar da vida do aluno e fazer com que o aluno participe ativamente da sociedade. As crianças, jovens e adultos não serão cidadãos ao saírem da escola, elas já são desde o seu nascimento, mas precisam tornar-se conscientes de sua participação e importância no meio, pois assim serão preparados para atuar de maneira ativa em todas as esferas da sociedade e principalmente nas escolhas pertinentes a si mesmo.

Soares (2002) ainda questiona a participação da escola na vida do sujeito, pois, segundo ela, “essa escola, que deveria preparar para a vida e para o trabalho, para o que mesmo ela está preparando? Para a vida e para o trabalho não é. É para o vestibular?”. Mas, ainda assim, não são todos os alunos que se formam no Ensino Médio que vão prestar um vestibular e seguir estudando no Ensino Superior. Há um sentimento de desamparo em relação à escola, pois como o jovem estará preparado para ter uma carreira, um emprego ou então cursar uma graduação se a instituição prepara somente para a prova de seleção do Ensino Superior?

Ao escolher a sua profissão, o jovem é influenciado por diversos fatores: sua família, seus professores, suas aptidões nos estudos, seus interesses em geral, os exemplos de pessoas que já atuam nos ramos profissionais em que eles estão pensando, etc. Não podemos afirmar que há um fator predominante, nem dizer que existem fatores limitados, pois o adolescente/jovem adulto utilizará, ainda que inconscientemente, muitos elementos que fizeram parte de sua infância e adolescência para escolher qual carreira profissional seguir.

O mercado também influenciará na escolha, já que o jovem, no perfil existente atualmente, busca e tem acesso a diversas informações a respeito de áreas que já estão saturadas de profissionais e outras que sofrem carências. As expectativas sobre o futuro também recaem sobre a escolha a ser feita, já que alguns padrões de vidas não conseguem ser alcançados com determinadas profissões, pois muitas são arriscadas, desgastantes, envolvem horários alternativos, jornadas mais extensas, etc.

Rubem Alves (1984) mostra como a questão de escolha está presente desde cedo na vida das pessoas, e que a realidade não é a mesma dentro de todos os lares, em um trecho de seu livro no qual conta sobre um pai que ao olhar para seu filho, imagina o futuro que lhe aguarda e questiona o pequeno sobre o que ele será quando crescer. O filho conta que será médico. A profissão, segundo o autor, pouco importa, desde que ela esteja entre aquelas que são reconhecidas pela sociedade e estão atreladas aos rótulos e títulos que um pai gostaria de ver junto ao nome de seu filho. O autor faz ainda o contraponto com outro pai. Aquele que, infelizmente, em decorrência de uma doença, no caso, leucemia, não se permite questionamentos sobre a profissão do seu filho, pois a vida é tão frágil que ele se apega pensando no presente, pois é ali que ele tem seu filho, e conclui dizendo que “se tudo correr bem, iremos ao jardim zoológico no próximo domingo” (ALVES, 1984) mostrando que a sensibilidade de perceber o presente, muitas vezes, só vem em situações como esta, de doença e perda iminente.

A sociedade reflete em nossas escolhas na medida em que nos oferece uma gama de situações que nos constituem através dos anos e nos incute a ideia do ser-fazer (SOARES, 2002), pois nossos estudos profissionalizantes estão voltados para produzir benefícios para a sociedade. O exemplo dado vem de encontro ao que vemos atualmente: a busca de um diploma pela simples necessidade pessoal de tê-lo. Nisto, vemos muitas vagas na universidade pública e bolsas das privadas, que

são oferecidas pelo poder público e entidades afins, sendo ocupadas por pessoas que não irão dar a sua contrapartida para a sociedade, pois não pretendem exercer a profissão para a qual são habilitadas após a formatura.

O desejo familiar de que o filho tenha um diploma, “que seja alguém na vida” é um apelo emocional grande e que surte efeito. A escolha pela profissão do pai ou da mãe e a tradição familiar de seguir uma carreira também exercem forte influência sobre o jovem que muitas vezes abre mão de suas preferências e convicções para satisfazer as de seus familiares. Desses, ainda há uma parcela que contempla o sonho familiar, que não consegue prosseguir por muito tempo na profissão escolhida previamente e, assim, o jovem volta à estaca zero na tentativa de se encontrar profissionalmente, pois a profissão conquistada não contempla seus ideais.

O ideal de felicidade, hoje em dia, está amplamente ligado à escolha profissional, pois tudo o que qualquer pessoa quer durante a sua vida é ser feliz e poder gozar dessa felicidade em todas as esferas da sua existência. Essa obrigatoriedade de felicidade é inculcada no ser humano desde muito cedo, como quando o pai diz “terás a liberdade que quiser quando fores dono de teu próprio dinheiro”, “poderás fazer o que quiser quando tiveres teu emprego e tua casa”, entre outras tantas falas que são ouvidas por aí. Para a criança que ouve é uma promessa de futuro feliz, pois ela poderá fazer o que bem entender quando obtiver os requisitos apontados pelo pai, ou pela mãe. Depois de crescer um pouco e começar a entrar neste mundo de “gente grande trabalhadora” ela acaba percebendo não ser bem da maneira imaginada inicialmente.

E aí, voltamos ao ponto do autoconhecimento. O que faz alguém feliz? Um emprego bom (defina um bom emprego. Que paga bem? Que é perto de casa? Que tem colegas legais)? Uma casa boa (que casa seria essa? Grande? Pequena? Com vista para o mar)? Um carro do ano (que carro seria esse? Um importado? Um nacional de luxo? Um compacto)? A criança enquanto aluno não aprende a refletir sobre seus atos, e nem mesmo a família ou professor estão preparados para provocar e aguçar tais pensamentos reflexivos. Alunos, professores e familiares se constituem na formação que propagam aos mais novos, a da busca da felicidade, sem saber direito o que ela é, mas ainda assim afirmando que ela está ligada intrinsecamente à boa escolha profissional, sem também saber como ela se constrói.

O *eu* do jovem ainda não é definido quando ocorre a escolha profissional, e talvez nunca se chegue a uma definição para o mesmo, já que não há preocupação

para o seu desenvolvimento, o autoconhecimento e a autorreflexão. O mundo se volta cada vez mais ao externo, às aparências, o belo e útil na visão do mercado capitalista. O processo de alienação, segundo Soares (1984), não deixa que esse processo de conhecimento aconteça e torna o ser cada vez mais superficial e suscetível aos elementos externos (opiniões de massa). Joga-se a preocupação com o que “se vai ser quando crescer para o futuro” e quando esse futuro chega, o que se faz?

No livro *A escolha profissional*, lançado em 2002, Dulce Helena Penna Soares mostra que o jovem em processo de submissão, sem precisar resolver nada de importante para a sua vida, se sente surpreso quando surge a necessidade de escolher algo. Ela mostra isso com o depoimento a seguir:

Quando a gente é pequeno todo mundo fala: tu dá bem pra isso, eu vou ser isto, e, de repente, quando chega na hora mesmo, aquela certeza que a gente tinha na infância e fez com que a gente parasse de se preocupar dá um choque!! Eu com 13 anos achava que seria agrônomo, só fui pensar nisso de novo na hora que estava preenchendo o cartão de inscrição. (Giuliano) (SOARES, 2002, p. 27)

Segundo Bohoslavsky (*apud* Soares, 2002), a posteridade exige que o desempenho do jovem seja de adulto, ou seja, ele deverá agir como tal. E ele não imagina que será um engenheiro pensando na engenharia em si, mas em um modelo/pessoa que ele conheceu dessa área e que se aproximou com algo que lhe despertou o interesse em ser como tal. Por isso, há milhares de crianças que quando estão na fase de alfabetização sonham em ser professores e professoras, outros que se espelham na profissão de parentes muito bem quistos ou pessoas de referência da família ou comunidade.

2.3 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO DISCENTE UNIVESITÁRIO

O aluno que entra na faculdade logo após o final do Ensino Médio, sem ter repetido de ano durante os anos escolares básicos, se encontra ainda na adolescência, uma fase muito especial, pois como Erik Erikson (1976; 1987; 1998) afirmava, ele deve construir a sua personalidade nesta etapa de vida.

Soares (2002) diz que alguns autores defendem que a fase da adolescência seja composta por três etapas que não têm seus inícios e fins bem definidos e que ainda possuem momentos de progressão e regressão, e ainda assim não há como definir ao certo e com precisão a idade, pois há casos em que ela começa antes e também que se estende para depois das médias de idades verificadas.

A adolescência inicial (de 10 a 14 anos) é caracterizada, basicamente, pelas transformações corporais e as alterações psíquicas derivadas desses acontecimentos.

A adolescência média (de 14 a 15 ou 17 anos) tem como seu elemento central as questões relacionadas à identidade sexual.

A adolescência final (de 16 a 20 anos) tem vários elementos importantes, entre os quais o estabelecimento de novos vínculos com os pais (de menos dependência e menos idealização), a questão profissional, a aceitação do novo corpo e dos processos psíquicos do mundo adulto. (SOARES, 2002, p. 20)

É típico dessa fase a procura de algo que o indivíduo não sabe precisar o que é, há crises, indecisões, situações conflituosas que têm de ser resolvidas de um algum modo. Essas situações não são enfrentadas de maneira igual por todos, pois cada um constitui a sua própria identidade e maneira de encarar as situações. O que fica evidente no adolescente é a transitoriedade que o mesmo pode ter antes de definir o seu próprio jeito de ser e agir.

Quando o jovem adulto entra no Ensino Superior, sua personalidade já está praticamente construída, porém, a mesma pode ir se modificando, pois não é rígida e definitiva. As novidades e descobertas feitas pelo indivíduo levam-no a se reorganizar e adicionar elementos que se tornarão integrantes da sua personalidade, já que outras circunstâncias surgirão no seu dia a dia.

Kalina (1999) mostra em seus estudos que a adolescência é um fenômeno biopsicossocial, ou seja, abrange as áreas da biologia, pois há mudanças corpóreas; psicológico, pois diversos processos psicológicos acontecem nesta fase; e a social, pois a interação com a sociedade se modifica, se antes ela era feita através de adultos, agora a indivíduo é responsável pela sua interação com os outros. É um período de descobertas dos próprios limites, dos questionamentos de normas e valores familiares, mas de adesão muito rápida ao que o grupo de amigos determina.

É um tempo de muitos aprendizados e de rupturas que conduzirão o indivíduo a sua independência. Existe a necessidade de integração social, da definição da identidade sexual e da busca pela autoafirmação (SILVIA e MATTOS, 2004)

O final da adolescência tem gerado intensos estudos (BERNFELD *apud* MILLAN, 1999; ROSA, 1986), tais como a Síndrome de Peter Pan, descrita por Dan Kiley, na década de 80, influenciado pelos estudos de Erikson, que apontam que o jovem tem saído mais tarde de casa, tem se mostrado dependente dos pais por mais tempo, tem dificuldades ainda tidas como de adolescente quanto às relações interpessoais e que demora mais para escolher uma profissão/carreira a seguir, e muitas vezes troca de opção.

A fase de transição da vida de adolescente para a vida adulta oscila bastante, é marcada momentos de medos e inseguranças, rebeldia, etc, e isso tem como objetivo tentar se auto afirmar perante aqueles que rodeiam o jovem. Ele quer mostrar a todos o quanto sabe e pode sobre o mundo. Ainda temos o jovem idealista, que crê ser tão poderoso que poderá mudar a sociedade e o mundo, fazendo com que a felicidade seja plena para todos. Um super-herói.

Compreende-se que até os 17 anos é a idade ideal para se cursar toda a Educação Básica, segundo as Leis de Diretrizes e Bases da Educação, sendo a Educação Infantil até os 5 anos, o Ensino Fundamental de 6 até os 14 anos, e o Ensino Médio dos 15 aos 17. Sabe-se que não só o desenvolvimento acerca de conteúdos ocorre nessas etapas da educação, mas sim o desenvolvimento do estudante como um todo. E este desenvolvimento não para por aí.

Após a conclusão do Ensino Médio, para muitos há a previsão da iniciação em um curso de Ensino Superior e essa tendência tem se mostrado maior com o passar dos anos, pois vemos muitos cursos superiores sendo abertos nas mais diversas modalidades (presenciais, semipresenciais, a distância). Há também um grande crescimento dos cursos pré vestibulares com relação ao que havia há 10 anos¹, que auxiliam os alunos nos estudos para a admissão em algumas universidades. O governo federal também está preocupado em oferecer bolsas para os alunos mais carentes. Enfim, há um investimento grande na educação do Ensino Superior no quesito criação de vagas.

É necessário, porém, enfatizar que não são encontrados apenas alunos recém saídos da escola ou de cursinhos preparatórios para o vestibular nas salas de aula das faculdades e universidades. Existe um número grande de pessoas com

¹ Dados obtidos através do estudo de caso do Sistema de Ensino Elite, disponível em http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94539/000789159.pdf?sequence=1&locale=pt_BR

outra formação, ou então com um intervalo grande entre os anos escolares e a graduação. Os motivos pelos quais acontece isso não fazem parte desta pesquisa, mas convém dizer que o período da juventude e o início de uma graduação coincidem com um período importante para o desenvolvimento de valores e da identidade da pessoa.

Estendendo a partir de dezessete ou dezoito anos de idade para os vinte e poucos anos até o fim dos mesmos, este período difere da adolescência e difere da idade adulta e da maturidade. Para muitos, será a última oportunidade para a grande mudança antes da estabilidade gerada por funções e responsabilidades sociais, interpessoais e ocupacionais mais fixos. (CHICKERING, 1975, p. 2. Tradução da autora)²

Ainda segundo Arthur Chickering (1975), em *Education and Identity*, são diversas as mudanças no desenvolvimento que ocorrem nesse período. Em estudos sobre alunos universitários, foram apontadas mudanças em “atitudes, interesses, valores, planos futuros e aspirações, a abertura aos impulsos e emoções, a integração pessoal e a capacidade intelectual.” (CHICKERING, 1975, p. 2, tradução da autora)³. Essas mudanças, ainda segundo ele, foram vistas em diversos estudantes de diversas instituições, salientando ainda que muitos que não frequentam a faculdade também compartilham, mas que a instituição contribui para que aconteçam. Nos estudos feitos por Trent e Medsker (1968), mostrou-se que os “estudantes universitários eram mais flexíveis, abertos, tolerantes e objetivos” do que os demais. Portanto,

[...] um período de desenvolvimento do início da vida adulta parece existir agora, um período em que ocorrem certos tipos de alterações ou forte potencial de tais mudanças, existe um período durante o qual certos tipos de experiências podem ter impacto substancial. (CHICKERING, 1975, p. 2, tradução da autora)⁴

Levando em conta que as mudanças ocorridas neste período repercutirão para o resto da vida do sujeito, Chickering (1975) sugere que o ambiente

² Texto original: “Extending from age seventeen or eighteen into the middle or late twenties, this period is different from adolescence and different from adulthood and maturity. For many it will be the last opportunity for major change before the stability generated by more fixed social, interpersonal, and occupational roles and responsibilities.” (CHICKERING, 1975, p. 2).

³ Texto original: “attitudes, interest, values, future plans and aspirations, openness to impulses and emotions, personal integration, and intellectual ability.” (CHICKERING, 1975, p.2).

⁴ Texto original: “developmental period of young adulthood does seem to exist now, a period during which certain kinds of changes occur or strong potential for such changes exists, a period during which certain kinds of experiences may have substantial impact.” (CHICKERING, 1975, p.2).

universitário tenha uma especial atenção com este estudante, que hoje em dia são muitos (ANDIFES, 2011), já que ele pode usar de seu espaço e ensinamentos para servir melhor e mais efetivamente às demandas da sociedade e, também fazer a transição da adolescência para a vida adulta de maneira mais produtiva.

2.4 O CURSO DE PEDAGOGIA

No Brasil, o curso de Pedagogia teve seu reconhecimento através do decreto número 1.190/1939, que instituía a organização da Faculdade Nacional de Filosofia e que dentro dela haveria as seções de filosofia, ciências, letras e pedagogia, e que ainda haveria uma seção especial dedicada à didática. A Faculdade Nacional de Filosofia fazia parte da Universidade do Brasil, mais tarde Universidade do Distrito Federal, que, no entanto, não prosperou além daquele ano, mas que deixou significativas contribuições para os cursos de licenciatura. No art. 7º diz que da seção de pedagogia se constitui o curso ordinário de pedagogia. Na seção XI do decreto temos a informação que o curso seria de três anos e a seriação das disciplinas se daria da seguinte maneira:

Primeira série

1. Complementos de matemática.
2. História da filosofia.
3. Sociologia.
4. Fundamentos biológicos da educação.
5. Psicologia educacional.

Segunda série

1. Estatística educacional.
2. História da educação.
3. Fundamentos sociológicos da educação.
4. Psicologia educacional.
5. Administração escolar.

Terceira série

1. História da educação.
2. Psicologia educacional.
3. Administração escolar.
4. Educação comparada.
5. Filosofia da educação. (BRASIL, 1939)

O grau conferido a quem cursasse pedagogia naquela época era o de bacharel em Pedagogia. O grau de licenciado era conferido aos que cursassem disciplinas com foco no ensino de determinado assunto. Este curso de didática durava mais um ano, totalizando, então, para os que desejavam ser licenciados em Pedagogia, 4 anos de curso.

O contexto nacional também é importante para o marco de criação dos cursos de Pedagogia, já que a época era pós revolução de 30 e muitas vertentes começaram a dialogar com a formação do professor. Tinha-se em mente que uma melhor educação era necessária para a melhoria da sociedade, o que compactuava com o surgimento de um Estado Nacional moderno.

Os discursos eram tão em prol da educação que se acreditava que a reforma da sociedade estava diretamente ligada à reforma da educação, “as possibilidades do processo educativo eram superestimadas a tal ponto que nele pareciam estar contidas as soluções para os problemas do país: sociais, econômicos e políticos” (EVANGELISTA, MORAES e SHIROMA, 2003, p. 17).

Surgiam, aí, os discursos em prol de uma educação de qualidade, com professores formados preferencialmente em universidades. Como assinala Evangelista (2002, p. 19),

[...] o projeto de reformas educacionais era parte destacada do projeto de civilização que propugnava a construção de uma cultura onde a ciência e a técnica sustentariam a racionalização do trabalho; a proposição de políticas públicas; a expansão do mercado; a homogeneização da sociedade; a projeção brasileira internacional; a construção do Estado Nacional. Criar universidades e formar o professor secundário fazia parte dessa estratégia.

Ao final da década de 50, muitas mudanças haviam acontecido no cenário, mas a necessidade de uma lei de diretrizes e bases se mostrava forte e, em 1961, o então presidente João Goulart aprova o decreto – lei de número 4.024 que define as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diretamente afetado pela criação desse decreto-lei, o Conselho Federal de Educação coloca em prática o “currículo mínimo” em diversos cursos, entre eles o de Pedagogia.

No parecer do CFE n. 251/62, se regulamentou o curso de Pedagogia e a sua duração. A diferenciação entre bacharelado e licenciatura, que era pouco clara no âmbito do profissional bacharel em Pedagogia, se extinguiu e passou a ser somente visto como licenciatura. Os professores formados em Pedagogia eram aptos a

lecionar para o primário, hoje conhecido como Ensino Fundamental, e em algumas disciplinas do secundário, hoje conhecido como Ensino Médio.

Neste meio tempo, de um governo relativamente democrático, o Brasil passou a ter um governo autoritário com o Golpe Militar de 1964. As universidades federais foram reorganizadas e se estabeleceu que apenas para o secundário seria necessário ter professores especialistas, para o primário poderiam ser normalistas, pessoas que se formam em Curso Normal, o secundário, conhecido agora como Ensino Médio, com ênfase em ensino, denominado na Lei n. 5.692, em 1971, como Habilitação em Magistério.

Por muitos anos se acreditou que o Curso Normal era o necessário para o profissional da educação aprender a trabalhar com a Educação Infantil e as Séries Iniciais. Nisso refletia o perfil dos ingressantes no curso de Pedagogia, já que muitas pessoas que cursaram o Normal chegavam com uma extensa bagagem prática. Houve um tempo em que se acreditava, pela prática do curso Normal, que o curso de Pedagogia deveria dar conta mais da teoria do que da prática. Entretanto, havia a parcela de pessoas que não havia cursado o Normal e que não tinham as mesmas vivências dessas outras. Isso acabava por formar profissionais sem prática docente ou com pouca experiência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, e, com isso, eles acabavam entendendo que a prática não era tão importante quanto as teorias.

Por fim, fazendo uma ponderação entre o momento de supervalorização do Curso Normal como fundamental para o ensino na Educação Infantil e Anos Iniciais, pois nele havia a prática, e da teoria como a melhor forma de aprender. Não é possível definir qual das duas é a mais importante, já que ambas estão amplamente ligadas, não temos como dissociar a prática da teoria, pois a teoria dá subsídios para a prática acontecer e, também, a prática faz a teoria ser criada, recriada, modelada e remodelada conforme as necessidades que se fazem no dia a dia.

A estruturação do curso, por muitos anos, seguiu aquela de 1939, algumas vezes de forma diluída, colocando as disciplinas de didática ao longo do curso, ao invés de ser só final. Várias instituições de graduação em Pedagogia ofereciam habilitações específicas, Administração Escolar, Orientação e Supervisão, porém, como afirma Libâneo (1999), é necessária a presença do pedagogo cumprindo a sua formação, que não pode estar sempre atrelada ao papel de professor. Pimenta (1998) diz que a Pedagogia tem como foco a prática social da educação e que ela tem como objeto de investigação as atividades de educar, incluindo a docência, mas

não se restringindo a ela. A valorização do profissional no país ocorreu na década de 90, em que se colocou o pedagogo como peça fundamental da Educação Básica.

Em 2005, com as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais, há a intenção de agrupar o Curso de Pedagogia novamente, não existindo mais as habilitações específicas e enxergando que o que se fazia dentro das mesmas de específico deve ser estudado em especializações. Sendo assim, o graduado obtém o título de licenciado em Pedagogia ao colar grau. Entende-se que o curso tem como finalidade:

Oferecer formação para o exercício integrado e indissociável da docência, da gestão dos processos escolares e não-escolares, da produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico do campo educacional. (BRASIL, 2005)

Sendo assim, ainda segundo as Diretrizes, mas em relação ao estudante de Pedagogia, temos que ele

[...] trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética. (BRASIL, 2006)

O parágrafo único do art. 3 das Diretrizes salienta que é indispensável para a formação do profissional licenciado em Pedagogia:

I - o conhecimento da escola como organização complexa que tem a função de promover a educação para e na cidadania;
 II - a pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de investigações de interesse da área educacional;
 III - a participação na gestão de processos educativos e na organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino.

A formação do pedagogo, ainda segundo o documento citado acima, é para a atuação nas áreas já mencionadas e também para outras áreas em que conhecimentos pedagógicos estejam previstos. Segundo o art. 2, parágrafo 1º, ainda compreendem

[...] a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do

conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo.

O curso básico compreende o total de 3200 horas. Dentro dessa carga horária, 2800 horas são para atividades de formação: disciplinas teóricas, seminários, inserções em espaços de ensino formal e não formal, entre outros; 300 horas são dedicadas ao estágio obrigatório, sendo oferecidas três modalidades para o mesmo: educação infantil, anos iniciais e EJA; e 100 horas de atividades complementares que o aluno deve buscar o que mais lhe agrada para aprofundamento de estudos. Dentro deste mínimo as instituições devem se estruturar.

2. 5 LICENCIATURA EM PEDAGOGIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

O curso de Pedagogia na UFRGS existe há 78 anos, desde 1936, quando ainda era Universidade de Porto Alegre. Desde então, vários processos de expansão foram feitos, como a implantação do mestrado, em 1972 e do doutorado em 1975. Além dos diversos cursos de extensão e especialização que são promovidos durante todos os anos.

O curso, no formato apresentado atualmente, existe desde 2007, ano no qual foram feitas reformas seguindo a “exigência legal de reformulação dos currículos das licenciaturas e das Diretrizes Nacionais para o Curso de Pedagogia – resolução CNE-CP nº1, de 15 de maio de 2006” (FACED/UFRGS). Essa reformulação tem o propósito de formar profissionais nos âmbitos da docência, da pesquisa e também das diligências dos processos educacionais, sendo o campo de trabalho desses não só a educação formal, mas também a dos espaços não formais. No novo formato do curso o enfoque é dado às especificidades do trabalho com crianças de 0 a 10 anos e com os jovens e adultos, dentro desta perspectiva a alfabetização assume maior importância.

O curso segue a diretriz básica estabelecida nacionalmente, sendo composto por 3.200 horas, contabilizando 2.800 horas para as atividades de formação, 300 horas para o estágio e 100 horas de atividades complementares.

A organização dos oito semestres se dá por eixos. Cada semestre corresponde a um eixo e através desse eixo são organizadas as disciplinas com assuntos pertinentes ao mesmo. Há uma disciplina com caráter articulador e que recebe o nome de seminário mais o nome do eixo, são eles: 1ª ETAPA – Educação e Sociedade; 2ª ETAPA – Infâncias, Juventudes e Vida Adulta; 3ª ETAPA – Gestão da Educação: Espaços escolares e Não-Escolares; 4ª ETAPA – Aprendizagens de Si, do Outro e do Mundo; 5ª ETAPA – Organização Curricular: Fundamentos e Possibilidades; 6ª ETAPA– Saberes e Constituição da docência; 7ª ETAPA – Constituição da Docência: Práticas Reflexivas; 8ª ETAPA – Registro Reflexivo Sobre as Práticas e Temas Eletivos.

Da primeira à terceira etapa são propostas observações de espaços de educação formal e não formal, conforme a especificidade do eixo e das disciplinas do mesmo para que o aluno da Pedagogia comece a entender como funcionam e são organizadas as instituições de ensino. São indicados alguns pontos principais para direcionar o olhar do observador. A partir da quinta etapa são propostas observações e mini práticas, que têm o objetivo de fazer o discente ir presenciando e se colocando dentro de sala de aula como futuro professor. Em uma determinada semana é realizada a observação do espaço, e baseada nessa semana, uma proposta de trabalho a ser realizado com a turma deverá ser elaborada e aplicada algumas semanas após a observação. Este trabalho tem que estar alicerçado em teorias que sustentem o motivo dele ser feito.

Na sétima etapa do curso ocorre o estágio obrigatório, no qual o aluno da Pedagogia escolhe uma das três modalidades para cursar: educação infantil, séries iniciais ou ensino de jovens e adultos. O semestre se divide em duas semanas de observação da turma e 13 semanas de prática, que envolvem planejamento de aulas e execução do mesmo junto aos alunos. Ao final um relatório é elaborado para apresentação dos fatos ocorridos.

Na oitava etapa é elaborado o trabalho de conclusão do curso. Há uma expectativa para que isto ocorra em torno do que foi realizado no sétimo semestre, pois a disciplina integradora do semestre, é inclusive chamada de Reflexão sobre a prática docente. Entretanto, não há limitação para o tema a ser trabalho no TCC, contanto que se encontre um professor que queira orientar o aluno.

Segundo o Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia, espera-se que o egresso deste curso esteja apto ao

[...] trabalho pedagógico na docência em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na docência Educação de Jovens e Adultos (EJA), em Gestão Escola, na docência nas matérias pedagógicas na Modalidade Normal e na docência em Cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar. (FACED/UFRGS)

Ainda segundo o mesmo documento, o discente, ao se formar pedagogo, terá como incumbência a investigação e o acompanhamento dos processos de aprendizagens das modalidades já citadas. O comportamento esperado deste profissional é o de desafiador e problematizador das situações que surgirem, em busca do melhor para seus alunos e organizando a ação educativa de maneira a contemplar as diversidades existentes em sua sala, visando a inclusão de todos. Ele deve

[...] assumir uma posição docente de forma participante, cooperativa e crítica; elaborar propostas pedagógicas coerentes com os princípios das teorias educacionais contemporâneas; atuar na gestão educacional, especialmente, no planejamento, na administração, na coordenação, na promoção, no acompanhamento, na inspeção, na supervisão, na orientação educacional e na avaliação de processos educativos na educação básica e em contextos educativos não-escolares; investigar processos educativos que ocorrem em distintas situações institucionais escolares com a finalidade de planejar, executar, coordenar e avaliar projetos de formação escolar e/ou de educação continuada. (FACED UFRGS)

O documento ainda salienta que o pedagogo não deverá atuar somente na sala de aula, mas sim nos processos que envolverem educação, sejam eles em espaços escolares ou em não-escolares. Ainda desconhecido de muitas pessoas, se tem a administração escolar como uma das opções a serem escolhidas como profissão, e as funções na coordenação pedagógica, no laboratório de aprendizagem e também da assessoria educacional.

O pedagogo, só com a formação em licenciatura pela UFRGS, tem muitas opções a seguir, se ainda optar por especializações, terá mais opções abertas. Além, é claro, como ofertado nesta e em outras tantas universidades, os cursos de Mestrado e, após este, o de Doutorado, que são feitos por aqueles que desejam seguir carreira acadêmica ou então aprofundar algum assunto que foi de interesse durante a graduação.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, pois tem como escopo a exploração do tema a que se propõe. Os participantes escolhidos foram os formandos do segundo semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul do ano de 2014.

A proposta para a participação na pesquisa foi feita através do mecanismo de comunicação das turmas chamado de Sala de Aula Virtual. A disciplina escolhida para o envio foi a de *Educação Especial, Docência e Processos Inclusivos*, pois a mesma tem em seu rol de participantes 54 alunos. Em uma conversa com alguns colegas, foi descoberto que 4 alunos não faziam parte do grupo que se formariam ao final do semestre, mas que estavam apenas cursando a disciplina de maneira a adiantá-la.

Pelo sistema de comunicação existente na Sala de Aula Virtual foi enviado um e-mail explicando a presente pesquisa e solicitando aos formandos que, através de seu e-mail pessoal, enviassem uma resposta do tamanho que quisessem contando o que pretendem fazer após a sua formatura. O texto foi solicitado em formato livre, sem mínimo ou máximo de palavras. Ainda foi explicado que os nomes dos formandos seriam trocados por outros nomes fictícios e caso alguém quisesse opinar no nome a ser utilizado, assim poderia fazê-lo. Outro ponto a ser esclarecido diz respeito à concordância dos participantes, pois não houve termo de concordância assinado, já que se entende por este documento a assinatura digital feita pelo e-mail pessoa.

O texto enviado se encontra abaixo:

“Querida (o) colega de oitava etapa, enfim chegamos ao TCC. Minha pesquisa será sobre o que os formandos e formandas de Pedagogia de 2014/2 pretendem fazer ao se formar. Pretendo utilizar todos os colegas como sujeitos da minha pesquisa através de narrativas sobre o tema. Para isto, preciso que você responda a este e-mail contando sobre o que pretende fazer ao se formar e por quê. É válido lembrar que ao responder este e-mail, o mesmo valerá como documento de aceitação de participação na pesquisa e que também não será utilizado o seu nome verdadeiro, sendo trocado por outro aleatoriamente. Agradeço a atenção e conto com a sua ajuda. Abraços, Marcela.”

Algumas intervenções foram feitas durante as aulas presenciais com pedidos para que participassem e também para que se houvesse alguma dúvida sobre como responder, ela pudesse ser sanada. Os principais questionamentos que surgiram foram a respeito do que exatamente a pesquisa queria como resposta. Foi frisado que a resposta era pessoal e que não carecia de muitos formalismos, mas que contivesse a pretensão da pessoa sobre o que ela quer fazer após se formar e se houvesse uma justificativa que a pessoa quisesse dividir seria muito proveitoso também.

Acentuou-se, através das falas dos professores que estavam presentes nas intervenções nas turmas, o aspecto da pesquisa sobre o que ocorre dentro da faculdade como um ponto a ser discorrido mais vezes entre as pesquisas realizadas, pois não se vê muitas explorações sendo realizadas sobre a formação do licenciado, ou estrutura do curso, entre outros.

As respostas foram lidas e organizadas de acordo com o recebimento em um arquivo de Word, de maneira que ficassem todas juntas, porém identificadas pela autoria. Posteriormente, foram alterados os nomes originais dos participantes, que receberam nomes fictícios. No decorrer da escrita foram suprimidas partes que pudessem identificar claramente os sujeitos.

Os dados foram analisados de forma qualitativa segundo categorias organizadas a partir do referencial teórico e do material coletado. O processo de análise não estava previamente determinado e foi se constituindo na medida em que ia ocorrendo. Ou seja, não havia uma tabulação ou uma tabela de comparação de respostas previamente estabelecida. Foram feitas sucessivas leituras, para que fosse possível encontrar regularidades e singularidades, procurando trazer extratos mais relevantes para o trabalho.

4 O QUE QUE VOCÊ QUER SER QUANDO VOCÊ CRESCER? ALGUMA COISA IMPORTANTE, UM CARA MUITO BRILHANTE⁵

Neste capítulo serão apresentados os dados obtidos através da pesquisa com os formandos. Com estes dados serão feitas conexões com conhecimentos teóricos.

Foram obtidas 27 respostas até o dia 20 de outubro. Os textos recebidos são de diversos formatos, desde uns com mais de dois parágrafos até respostas em uma ou duas linhas. Estes dados obtidos foram previamente separados em quatro categorias: os formandos que desejam ser professores de educação infantil ou séries iniciais, os formandos que utilizarão do conhecimento do Curso de Pedagogia em outros aspectos de sua profissão, os que seguirão vida acadêmica e os que têm um futuro projetado de forma a não contemplar os ensinamentos recebidos no curso de forma ativa.

É oportuno lembrar que a resposta de um participante pode se encaixar em mais de uma categoria, pois muitos graduandos têm diversas expectativas e planos para o que fazer após concluir o curso. Quanto aos que não responderam, acredito que muitos não o fizeram por achar que o que ele ou ela pretende fazer é muito insignificante para os demais, ou por achar que respondendo com apenas uma frase estaria errando. Muitas pessoas vieram conversar pessoalmente e foi possível desmistificar o certo e errado sobre as respostas que deveriam ser escritas.

Nesta pesquisa não há certo ou errado, mas sim a curiosidade a respeito de como o aluno da Pedagogia se constituiu Licenciado neste curso, pois todos passaram pelas mesmas disciplinas obrigatórias, algumas eletivas em comum e puderam concorrer aos estágios que se disponibilizaram através dos semestres. Entretanto, nem todos gostariam de continuar nesta área, outros não entraram na faculdade pensando em ser professores e ainda temos aqueles que já possuem outra profissão e não gostariam de mudar por motivos seus.

Por fim, chegou-se a sistemática de tratar os dados da seguinte maneira: quatro subcapítulos divididos de acordo com uma pré-separação dos dados. Essa pré-separação foi pensada assim: um subcapítulo sobre quem pretende seguir carreira como professor; outro sobre seguir alguma carreira que utilize dos

⁵ Canção de Raul Seixas, 1976.

conhecimentos obtidos na graduação em Pedagogia, mesmo este não estando contemplados no que se espera; outro sobre a continuidade da formação; e por fim um subcapítulo sobre as respostas que não contemplam a graduação em Pedagogia. Ao longo dos capítulos foram colocadas falas dos participantes das pesquisas para ilustrar a situação e teóricos que nos ajudam a entender o processo desencadeado pela escolha da pessoa.

É válido salientar que nas respostas obtidas houve diversas ocorrências de respostas que se aproximaram, mas também tivemos respostas que foram únicas e singulares. Algumas pessoas têm diversas pretensões para o seu futuro e citaram as quais já estão em busca e têm informações a respeito. É conveniente dizer que muitas respostas se encaixam em mais de um subcapítulo, já que estamos falando de planos que se concretizarão ou não, após a formatura.

4.1 A REALIZAÇÃO DE UM SONHO ANTIGO

O caminho mais tradicional para aqueles que se formam em Pedagogia é se tornar professor da Educação Infantil ou de Séries Iniciais. Com a reforma dos cursos de Pedagogia em 2005 e a unificação da formação (retirada dos enfoques em Educação Infantil, Séries Iniciais, Multimeios, Gestão Escolar, entre outras) surgiu um curso mais enxuto que tenta dar enfoque às suas diversas áreas que podemos ter dentro do mesmo, mas, ainda assim, as respostas relacionadas a ser professor dizem respeito às duas áreas previamente citadas.

Segundo o documento publicado pela ANDIFE (2011), 77% dos alunos formados em universidades federais do Brasil pretende trabalhar ao terminar seus estudos. Mas isso não exclui outras possibilidades concomitantes. O percentual sobre aqueles que pretendem trabalhar na área em que se graduaram é de 54,54% dos alunos.

As formandas Jaqueline, Joana, Bárbara, Brenda, Francis, Fabíola, Alice, Marina, Clarissa, Isabela, Lara, Paola, Sabrina, Cecília, Beatriz, Sofia, Vanessa, Giovana e Valentina afirmam que têm o desejo de seguir uma das duas áreas, sejam em escolas particulares ou através da aprovação em algum concurso público.

Valentina destaca que a sua pretensão vem de antes da entrada na universidade, o que Rubem Alves (1984) mostra como uma possibilidade, já que muitas pessoas escolhem uma carreira muito antes de poderem cursar uma graduação relacionada como a tal. Podemos ver em sua fala que sua vontade de exercer a profissão é anterior ao descobrimento proporcionado pelo curso: *“Eu já entrei na faculdade com o objetivo de ser professora para as séries iniciais. Hoje sou monitora em uma escola municipal de Porto Alegre, e fiz o concurso para professor de séries e passei.”*

Já Paola conta ser a sua preferência de acordo com as vivências proporcionadas durante a faculdade: *“Eu pretendo trabalhar na área da educação infantil, sendo que essa é a área na qual tive uma maior identificação, até o momento.”* Ambas as falas vêm bem ao encontro do que Soares (2002) afirma sobre as situações vivenciadas ao longo da vida influenciarem nas nossas escolhas e principalmente na ideia de se tornar um indivíduo capaz de exercer uma função social, ou seja, ter um emprego.

Sabrina e Clarissa demonstram através de seu depoimento a expectativa de permanecerem em seus empregos e dar continuidade aos seus trabalhos iniciados antes da conclusão de curso.

“Está nos meus planos para o ano que vem continuar trabalhando na escola na qual eu leciono só que em dois turnos, para uma complementação da minha renda.” (Sabrina)

“Eu, ao me formar, vou seguir trabalhando como professora na escola em que atuo desde 2011.” (Clarissa)

O desejo pela nomeação em um concurso público para a área também é recorrente nos dados obtidos. Há um crescente número de pessoas que se dedicam somente a estudar para concursos públicos. Diversas empresas são constituídas para isso: cursos preparatórios, professores particulares, aulas EAD, grupos de estudos, etc. Algumas, como Bárbara, Valentina e Vanessa já aguardam a chamada em uma seleção.

“Gostaria muito de ser chamada no concurso de Porto Alegre, que passei, mas não fiquei com uma colocação muito boa, mas, como no do Estado que também passei não consegui levar meus documentos, coloco minhas esperanças no de POA até outro concurso abrir e eu fazer.” (Bárbara)

“Só estou esperando a graduação, e a minha classificação do concurso para realizar o meu grande sonho de estar em sala.” (Valentina)

“Atualmente estou esperando ser chamada num concurso municipal, portanto, pretendo assumir a função de professora de Educação Infantil para este ano ou início do ano que vem, onde já estarei formada.” (Vanessa)

Daniela traz uma pretensão mais ousada, que é ter uma escola:

“Quando me formar também pretendo abrir uma escola. A princípio uma escola que atenda o turno inverso para crianças das séries iniciais do ensino fundamental, visto que há uma grande demanda pois há muitas creches que atendem somente até os 5 ou 6 anos. Depois ampliaria essa escola até contemplar todos os níveis de ensino, desde a educação infantil até os anos finais do fundamental.”

Com a atual configuração da sociedade, o sonho dela tem uma grande possibilidade de ser um sucesso, já que muitos pais ou responsáveis pelos alunos trabalham em turno integral e fica difícil de atender aos filhos durante o turno contrário a escola. Muitas destas crianças acabam ficando com familiares, babás ou cuidadores, e depois de certa idade, ficam até mesmo sozinhos em casa, o que é preocupante de diversas maneiras. Mas a justificativa trazida por Daniela não vem ao encontro dessa perspectiva, conforme ela explica:

“Tenho esse sonho porque para mim a escola que temos atualmente não faz nenhum sentido. Não agrega quase nada a vida dos alunos, pois não acompanha a evolução e as mudanças das crianças e adolescentes. É apenas um lugar onde se acumulam conteúdos que vamos aprendendo para passar no vestibular e depois esquecer tudo. Na “escola dos meus sonhos” o tempo será priorizado para as artes e os esportes. E os professores ensinarão de um jeito simples, lúdico e de uma forma prática.” (Daniela)

E este sonho da Daniela não está sozinho. Com o Programa Mais Educação, do Ministério da Educação e Cultura, foram ampliadas as funções e a carga horária dentro da escola, mas não com aulas, e sim com oficinas e atividades diferenciadas. Entretanto, há sempre a preocupação quanto ao bem estar da criança, pois ela também precisa ter o seu lugar em casa, se sentir à vontade, ter um momento com seus pertences, em seu quarto. Ela precisa se sentir parte da família e com um lugar definido no domicílio.

Ao passar o dia inteiro em instituições, o aluno precisa ter um acolhimento muito satisfatório e que também dê liberdade para ele se desenvolver holisticamente. Não adianta ser mais um turno de aulas maçantes, ou então oficinas com profissionais pouco preparados, ou fazer todos os temas e rever tudo o que foi visto na escola. A escola nos moldes atuais já anda com problemas na situação da fragmentação dos conhecimentos. O que não é necessário ao momento é a

implantação de mais um turno que force as crianças a fazerem aquilo que elas não querem e estarem em um ambiente que elas não gostam só porque os pais precisam trabalhar e não podem deixá-la em casa com alguém.

4.2 O CONHECIMENTO QUE SE FAZ ÚTIL EM OUTROS RAMOS PROFISSIONAIS

O curso de Pedagogia, de maneira ampla, promove o conhecimento e estudos das relações e fases dos seres humanos. Também faz parte dele o estudo sobre a formação de conceitos a respeito da família, da criança, das instituições e suas modificações através dos anos. Qualquer ramo profissional que se dedique a trabalhar com pessoas pode ser muito beneficiado com um egresso deste curso, pois ele aprendeu sobre diversas teorias que o levam a compreender melhor comportamentos e construções de relações humanas.

O pedagogo, conforme Pimenta (1998), não será apenas professor, mas sim alguém que trabalhará com a educação nas mais diversas áreas, entendendo a sua profissão como uma prática social, pois não é só dentro da escola que este fenômeno ocorre.

As respostas desta categoria dizem respeito a outros rumos que não propriamente o da sala de aula como professor.

Vanessa já tem um projeto que integra arte e educação em um espaço não formal e mostra seu desejo de prosseguir com o mesmo quando diz afirma: *“Quero continuar com o meu projeto Clube do Museu, oferecendo ações em arte e educação para espaços culturais e educativos.” (Vanessa)*

Paula, por já ter outra formação, salienta que os estudos feitos na Pedagogia serão úteis na sua trajetória futura:

“A minha ideia é seguir atuando como terapeuta e com outros projetos nesta área. No entanto, mesmo não trabalhando como pedagoga, acredito que utilizarei os conhecimentos adquiridos neste curso nas minhas atividades, independentemente da área que estarei seguindo.”

Antônia, já concursada e atuante em um Abrigo Residencial, não demonstra através de seu depoimento o crescimento que o curso pode ter trazido para o seu

dia a dia, mas através de conversas informais, ela demonstra o quanto cresceu e compreende melhor as questões de seu dia a dia com os adolescentes. Entender o que acontece e como foram as experiências que os trouxeram até o abrigo através do viés teórico das disciplinas de psicologia fazem com que ela saiba lidar melhor com alguns acontecimentos. Ela faz sua projeção futuro como algo não muito certo em relação aos estudos de pós relacionados à Pedagogia, pois com esta graduação, seu salário aumentará em 15% e não vê vantagens em abandonar seu cargo público para investir em algo novo.

“Eu não pretendo mudar de emprego. Estou realizando o sonho de fazer uma graduação de nível superior muito por acaso. [...]”

Essa graduação vai me render 15% a mais no salário, como parte das vantagens para meu nível de categoria de funcionária pública do estado.

Caso resolvesse me aperfeiçoar, seria fazendo especialização em psicopedagogia pois adoraria ajudar as crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem, a avançarem em suas etapas escolares. Aliás a minha motivação para escolher a Pedagogia foi justamente essa. Devido às crianças com necessidades especiais que não conseguem aprender da mesma forma que os alunos ditos “normais”. ” (Antônia)

Jaqueline conta um pouco de suas desmotivações durante o curso, mas que hoje em dia até se vê como professora. Ela tem estabilidade em seu emprego, pois é funcionária pública concursada em uma autarquia. Seu primeiro movimento pós formatura será dedicar-se mais à família e continuar em seu atual emprego, entretanto, ela mostra que tem vontade de prestar concursos para ser professora estadual ou de algum município, mas seu grande sonho é revelado mais ao fim de seu depoimento. Ela afirma: *[...] FAREI CONCURSO, assim que surgir a oportunidade, tanto para municípios na região metropolitana quanto na rede estadual [...] Mas a intenção é sim atuar na área até montar meu salão de festas. ”* (Jaqueline)

Ela não conta muito sobre o seu sonho e quais passos está dando para concretizá-lo, porém, informalmente, sabemos que ela já atua animando festas infantis e que está, aos poucos, juntamente com sua família, adquirindo brinquedos, fantasias e materiais afins para montar seu salão de festas.

4.3 A CONTINUAÇÃO DOS ESTUDOS

Dos 27 depoimentos coletados, em 18 encontramos afirmações sobre seguir estudando. 12 desses depoimentos são de formandos que querem fazer especialização em alguma área, as citadas são alfabetização, psicopedagogia, gestão escolar e educação infantil, mas nem todos mencionam qual curso gostariam de seguir. Os motivos são diversos, desde aprender mais, ajudar quem mais necessita até ganhar mais, como podemos ver nos casos de Antônia e Valentina:

“Caso resolvesse me aperfeiçoar, seria fazendo especialização em psicopedagogia pois adoraria ajudar as crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem, a avançarem em suas etapas escolares.” (Antônia)

“Depois que eu terminar a facul vou emendar um pós (porque o salário compensa com essa titulação).” (Valentina)

A fala de Carolina representa uma peculiaridade, pois ela está em meio a um processo imigratório e depende da validação do diploma para decidir o que fará. Em seu depoimento, a vontade de seguir na área da educação é grande e definitiva, mas ainda assim depende do governo do país que a receberá para saber o que fazer, entretanto, ela já sinaliza a procura por cursos de pós graduação na área.

Nos últimos anos do século XX, tornou-se forte, nos mais variados setores profissionais e nos setores universitários, especialmente em países desenvolvidos, a questão da imperiosidade de formação continuada como um requisito para o trabalho, a ideia da atualização constante, em função das mudanças no mundo do trabalho. Ou seja, a educação continuada foi colocada como aprofundamento e avanço nas formações dos profissionais. (GATTI, 2008)

Ainda sobre o assunto, Abrantes e Ponte (1982) falam da necessidade do aluno de refletir sobre a sua experiência de modo que dentro dessa reflexão ele consiga perceber quais são os temas que chamam mais a sua atenção, e, assim sendo, aprofundar seus estudos sobre o assunto sobre o qual ele mais se sente motivado.

Há oito depoimentos que falam em mestrado, inclusive de duas formandas que já estão em processo seletivo para o mesmo.

“Pretendo já iniciar o mestrado (já estou participando do processo seletivo agora, mês que vem farei a prova, etc etc). Aí pretendo continuar estudando, eu gosto da área acadêmica, por ora, minha ideia é dar aula na faculdade.” (Kátia)

“Pretendo entrar no Mestrado/PPGEDU-UFRGS e dar continuidade nos meus estudos e pesquisas sobre arte|educação. ” (Vanessa)

“Pretendo continuar carreira acadêmica mais ainda não decidi se emendarei direto um mestrado, se farei alguma cadeira PEC, alguma especialização ou se pedirei ingresso de diplomado para o curso de Letras. ” (Patrícia)

Isabela conta que havia uma pretensão para o mestrado, mas que optou por especialização antes pelo seguinte motivo:

“Eu pretendia fazer a prova de mestrado, mas acho que nesse primeiro ano como prof^a de uma boa escola de ed. infantil não vou conseguir dar conta de tudo, então nesse primeiro ano gostaria de engatar um pós para continuar estudando e pensando na educação. ” (Isabela)

Ponte (1998) sinaliza a presença da ideia de desenvolvimento profissional nos trabalhos que tem lido sobre a formação continuada. Ele entende que a capacitação do professor é um processo que jamais estará completo, pois envolve diversas etapas que não extinguem, já que a sociedade muda constantemente, assim como os alunos que chegam as salas de aula. E, nisso, podemos incluir a ideia de pesquisa sobre a universidade, pois para qualificar a formação, devemos saber como estão sendo desenvolvidos os cursos que ela dispõe, como estão os alunos que frequentam, se a preparação para a profissão está conseguindo contemplar o mínimo exigido para que após a saída o sujeito tenha um rumo a seguir. Jaime Paviani e José Pozenato (1979), em *Universidade em Debate*, ressaltam a importância de se pesquisar o que acontece dentro da própria universidade.

Professores e alunos preocupam-se com muitas questões. Entretanto, nem sempre se dedicam ao estudo da própria Universidade e, em consequência, ficam pendentes dificuldades de organização e realização de suas funções. A vida universitária precisa ser dirigida pelo pensamento, pela reflexão de seus administradores e de todos os membros da comunidade, pois não existe nenhuma ação sem resultados, sem o objetivo de mudar e de produzir algo. Ela consiste em dispor meios com vista a um fim. A intenção é característica essencial da ação e, neste sentido, ela supõe, ao mesmo tempo, um fim a ser atingido e uma possível ausência de algo. (PAVIANI; POZENATO, 1979, p. 21)

A fala de Patrícia ainda traz outra questão para a formação continuada: uma nova graduação. Joana sinaliza que pensa ainda em uma segunda graduação em Psicologia. Bárbara também se mostra aberta à possibilidade já acenando para um futuro muito próximo: *“Gosto muito do curso de Ciências Sociais da UFRGS e tentarei pedir ingresso de diplomado já para 2015/1, porém, pretendo levar o curso mais na tranquilidade, sem fazer muitas cadeiras como o de Pedagogia. ” (Bárbara)*

A expectativa quanto à educação continuada, segundo documento publicado pela ANDIFES, é de que 6,50% do total de 656.167 alunos iniciam um novo curso de graduação em sequência; 18,61% se dedicam a pós-graduação (*lato sensu*); e 41,71% vão para a pós-graduação (*stricto sensu*).

4.4 OUTRAS OPORTUNIDADES

Amanda, apesar de concluir a graduação tendo uma boa atuação em seu estágio obrigatório e nas mini práticas dos seminários, não pensa em seguir a carreira:

“Sei que não pretendo ser professora, porque apesar de ter ido bem nas mini práticas e no estágio, não me encontrei na sala de aula. Não é isso que eu quero fazer da minha vida, entende? Sinceramente, não tenho paciência pra fazer projetos e pensar em atividades, enfim. Basicamente isso.”

Quanto às suas pretensões ela afirma:

“Quero prestar concurso para Polícia Federal, pra ver a diferença sendo feita ao lidar com pessoas que de certa forma prejudicam o desenvolvimento do país. OU: Quero continuar no negócio da minha família, que é o que sei fazer bem, onde cresci e onde me sinto bem, além de não pretender “abandonar” meus pais.” (Amanda)

Segundo dados do Censo 2010, mais de 669 mil pessoas concluíram algum curso no ensino superior e optaram por frequentar outra graduação. Ainda segundo o Censo 2010, mais de 5 milhões de pessoas não concluíram e optaram por frequentar um novo curso superior, buscando assim uma outra colocação no mercado de trabalho.

Os dados analisados pelo IBGE em 2000, constataram que de 3,5 milhões de trabalhadores brasileiros formados em 21 diversas áreas, 53% deles está atuando em uma profissão diferente daquela para a qual se preparou academicamente.

O crescimento de concursos públicos com requisito de Ensino Superior sem definição de área é outro ponto citado por Paola, que já participava de seleções direcionadas a pessoas com o Ensino Médio.

“Além disso, penso muito em voltar a estudar para concursos públicos, pois antes mesmo de ingressar na universidade já estudava para concursos de nível médio. A partir de agora, quer dizer, depois que concluir esse último semestre, meu foco será os concursos de nível

superior, tanto na área da educação quanto em outras áreas que surgirem e que considerar interessantes. ” (Paola)

Basta uma pesquisa no Google para ver como o mercado de concursos está se agigantando, são propagandas para cursos, dicas para passar, entrevistas com pessoas que foram aprovadas em concursos muito concorridos, entre outros. A visão de uma profissão sólida, sem um chefe que possa despedir a qualquer momento, com uma remuneração, muitas vezes, generosa, agrada a muitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa foi possível saber um pouco mais sobre o que as pessoas que irão se formar ao fim deste semestre pretendem fazer após cursar Pedagogia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi importante também para ver as perspectivas que o curso proporciona, pois o esperado é que sejam professores, mas nem sempre essa trajetória se cumpre.

A principal escolha ainda é ser professor, mas surgem outras possibilidades que nos fazem perceber que o curso pode ser mais abrangente do que parecer ser. Mostram-se ainda possibilidades de continuidade nos estudos, sejam em uma nova graduação ou em pós graduações e mestrados, o que vem ao encontro da pesquisa elaborada pela Andifes, em 2011, sobre o perfil dos estudantes de universidades pública, já que trabalhar é a meta de 22% deles, continuar estudando, 19%, e os que responderam ambos são 55%. (ANDIFES, 2011).

Ainda é importante salientar que existem alunos que continuam até o fim do curso mesmo sabendo que não pretendem trabalhar em áreas afins, apesar de 55% deles, segundo a pesquisa da Andifes (2011), desejar exercer exclusivamente a profissão ligada ao curso. Entretanto, sabe-se que nem todos conseguem colocação no mercado de trabalho da maneira que gostariam, então, segundo ainda a Andifes (2011), 25% dos estudantes que se formam admitem que se não conseguissem trabalho na área, partiriam para buscar em outra. Na pesquisa feita neste trabalho, ainda temos o perfil de profissionais já atuantes no mercado, alguns com Ensino Superior em algum outro curso, que veem a graduação em Pedagogia como um suporte para aprender a lidar com situações que são impostas pelo seu dia a dia, como no caso das pesquisadas que são terapeuta e educadora social.

Dos pesquisados que pretendem ser professores de imediato, vemos as áreas da Educação Infantil e dos Anos Iniciais bem presentes nas respostas, sendo que a área da EJA (Educação de Jovens e Adultos) não foi contemplada pela pesquisa, apesar de fazer parte da grade curricular do curso e também ser uma das habilitações que o mesmo proporciona. O trabalho com a Educação Especial também não foi mencionado. E este pode ser um indicativo da carência de disciplinas e aprofundamento nas disponíveis, já que se somam duas as

relacionadas à Educação Especial e uma à EJA, se não contarmos o estágio em EJA.

Também durante a pesquisa, foi possível refletir a respeito das pesquisas realizadas dentro da universidade sobre o aproveitamento dos alunos ao longo do curso. A função de uma universidade é profissionalizar o sujeito e este, principalmente em uma universidade pública, tendo em vista a sua gratuidade quanto à mensalidade, deveria contribuir com a construção de uma sociedade melhor, usufruindo dos conhecimentos adquiridos no curso para tal feito. Entretanto, como não vemos esse tipo de pesquisa cotidiana, a universidade perde em saber o que realmente se passa com aqueles que ali estão.

A intenção, ao começar este trabalho, era saber um pouco mais sobre o que estava acontecendo dentro da universidade, já que, ao observar informalmente, muitos caminhos e possibilidades se mostravam. Neste sentido, a pesquisa foi satisfatória, pois vemos diferentes trajetórias sendo traçadas após 8 semestres de graduação e que o curso não engessa o profissional a apenas das aulas. Entretanto, é notável que outras possibilidades podem surgir, como vimos nas narrativas dos participantes.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, P., & PONTE, J. P. Professores de matemática. Que formação? In **Ensino da matemática: Anos 80**. Lisboa: SPM, 1982.

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 1984.

ANDIFES. **Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras**, 2011. Disponível em: http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/1377182836Relatorio_do_perfi_dos_estudantes_nas_universidades_federais.pdf. Acesso em 29 de setembro de 2014.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de Abril de 1939**. Dispõe sobre a organização da Faculdade Nacional de Filosofia. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1190-4-abril-1939-349241-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 21 de setembro de 2014, às 20:05.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases para 1º e 2º graus. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em 20 de setembro de 2014.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 15 de setembro de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CP 1/2006**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/>. Acesso em 10 de setembro de 2014, às 21:34.

CHICKERING, Arthur W. **Education and Society**. São Francisco: Jossey-Bas Inc. Publishers, 1975.

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

ERIKSON, E. H. **Infância e Sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

ERIKSON, E. H. e ERIKSON, J. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

EVANGELISTA, Olinda. **A formação universitária do professor**. Florianópolis: NUP; Cidade Futura, 2002.

EVANGELISTA, Olinda; MORAES, Maria Célia Marcondes; SHIROMA, Eneida Oto. **Política Educacional**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

GATTI, Bernardete A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13 n. 37 jan./abr, 2008.

IBGE. Censo Demográfico 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 de novembro de 2014.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em 18 de novembro de 2014.

KALINA, E. **Psicoterapia de adolescentes: teoria, técnica e casos clínicos**. 3ª ed. Tradução de C. R. A. Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Formação de professores para o próximo milênio: novo locus?** São Paulo: Annablume, 2000.

LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MILLAN, Luis Roberto. **O universo psicológico do futuro médico: vocação, vicissitudes e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PAVIANI, Jayme; POZENATO, José C. **A universidade em debate**. Caxias: Edição UCS, 1979.

PIMENTA, Selma. "Prefácio". In: LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

ROSA, Merval. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, V; MATTOS, H. Os jovens são mais vulneráveis às drogas? In: PINSKY, I; BESSA, M. A.(Orgs.). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Dulce Helena Penna. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Educação. Projeto Político e Pedagógico do Curso de Pedagogia. 2007/1. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20Certificado.pdf> . Acesso em 19 de setembro de 2014, às 13h40min.